Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

A narrativa nostálgica midiatizada: o caso da eleição presidencial de 2018[1]

The mediatized nostalgic narrative: the case of the 2018 presidential election

Thiago Haas Carlotto[2]

Resumo: Busca-se refletir sobre como a campanha dos candidatos Jair Bolsonaro (PSL), alinhado à direita do espectro político, assim como de Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), alinhado à esquerda, lançaram mão de narrativas que remetem a lembranças idealizadas, para afirmar a sua identidade e prospectar eleitores. Este trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica a respeito da nostalgia, desde sua percepção como doença psicológica no século XVII, sua aplicação nas mídias durante a modernidade, até o emergir da retrotopia, isto é, a utopia do passado, na pós-modernidade. Em seguida, traz uma revisão da midiatização, sua relação com a evolução humana, seu ambiente e sua articulação com a percepção de tempo e, por extensão, com a nostalgia.
Palavras-chave: nostalgia; mídia; narrativa.

Abstract: We seek to reflect on how the campaign of candidates Jair Bolsonaro (PSL), aligned to the right of the political spectrum, as well as Fernando Haddad, from the Workers' Party (PT), aligned to the left, made use of narratives that refer to idealized memories, to assert their identity and prospect voters. This work presents a bibliographical research about nostalgia, from its perception as a psychological illness in the 17th century, its application in the media during modernity, to the emergence of retrotopia, that is, the utopia of the past, in post-modernity. Then, it brings a review of

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.
[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. thiagohcarlotto@gmail.com

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

mediatization, its relationship with human evolution, its environment and its articulation with the perception of time and, by extension, with nostalgia.
Keywords: nostalgia; media; narrative.

1. Considerações iniciais

A nostalgia aparece de forma crescente como alternativa de significação às produções culturais que buscam gerar sensação de pertencimento: objetos artesanais, quando narrados, são valorizados em suas características ancestrais, pontos turísticos históricos contam com atrações que prometem reviver o passado, eventos com design retrô geram identidade e aceitação de público pelo apreço a tempos fugidios. Na indústria cultural, músicas que marcaram época são remixadas e apresentadas em versões que propõem a releitura das clássicas e filmes antigos são relançados com novos recursos de animação e, assim, revalorizados. Nas redes sociais, sobremaneira, existe o dia do #TBT (*Throwback Thursday*), que significa quinta-feira do retorno ou quinta-feira da nostalgia, um momento da semana dedicado a relembrar do passado, num movimento de busca de retorno em alhures no tempo que não o agora fugaz.

Neste sentido, chama atenção a repercussão que a nostalgia recebeu na cobertura da eleição presidencial de 2018 pela imprensa Segundo os veículos de comunicação, as campanhas dos candidatos, Jair Bolsonaro (PSL), alinhado à direita do espectro político, e Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), alinhado à esquerda, lançaram mão de narrativas que remetiam ao passado para afirmar seu protagonismo frente ao eleitor, numa disputa caracterizada pela polarização entre grupos ideológicos que se fecharam em suas convicções. Do lado da direita, um discurso de retorno há 50 anos, na época do Regime Militar, que por 21 anos governou o país; do lado da esquerda, a volta ao período dos governos que administraram o Brasil por 14 anos. Assim, o que move este trabalho é, justamente, entender os vínculos que tais candidaturas procuraram gerar com tempos outros da história como estratégia de sedução de seu público eleitor.

Metodologicamente a investigação se configura da seguinte forma: no primeiro momento fizemos uma revisão bibliográfica a respeito da nostalgia e suas manifestações

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

narrativas relacionando-os com os tempos líquidos atuais que geram condições ao que Bauman (2017) chama de Retrotopia. Em seguida, pesquisamos o cenário sócio-técnico-discursivo configurado pela midiatização para compreender suas características em relação à percepção de tempo de mundo, no diálogo com Verón (2013).

Em termos de análise empírica, o corpus foi encontrado nas páginas da rede social Facebook, de ambos os candidatos, em busca de uma compreensão mais profunda sobre a emergência desse fenômeno. Primeiro foram recolhidas, entre as 210 publicações do período eleitoral, aquelas de cunho nostálgico para exame. Por fim, buscamos interpretar as narrativas que emergem desse contexto à luz das categorias teorizadas por Boym (2017), ou seja — a restauradora e a reflexiva. Nos enunciados selecionados buscou-se responder: a) se as evocações nostálgicas se fizeram presentes nos enunciados midiatizados dos presidenciáveis de 2018. Se sim, qual foi o seu padrão de recorrência. b) Por fim, as formas de narrativa que emergem dessas manifestações políticas analisadas. Começamos pela repercussão na imprensa.


Valor | Política

Marqueteiro do PT aposta em nostalgia

1. Fonte: Jornal Valor Econômico.[3]

A entrevista do jornal Valor Econômico com o profissional de marketing que criou a linha estratégica de comunicação do PT demonstra como a nostalgia faria parte da

[3] Disponível em: https://valor.globo.com/politica/coluna/marqueteiro-do-pt-aposta-em-nostalgia.ghtml Acesso em: 04 out. 2019.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

campanha presidencial do partido. O conceito "o Brasil feliz de novo" apostaria na saudade dos eleitores, em momentos de crise, dos "tempos de bonança" dos governos de Lula, de 2003 a 2010.


THE WALL STREET JOURNAL.

Brazil Voters Buck Status Quo With Rise of Right-Wing Firebrand

Jair Bolsonaro, an ex-army captain who has waxed nostalgic about the dictatorship he served, is on the verge of winning the presidency

2. Fonte: The Wall Street Journal.[4]

Segundo reportagem do *The Wall Street Journal*, logo após o primeiro turno, Bolsonaro era apenas um ex-capitão do exército estranho, que também montou seu discurso sob a base da nostalgia, neste caso, relativa aos tempos do regime militar ao qual serviu. A ascensão do agitador da direita seria, assim, o mais recente choque na política global, à medida que os eleitores se voltavam contra o *status quo*. De acordo com o periódico econômico, tal reação havia começado em 2016, com a votação doe *Brexit*, no Reino Unido (2016), e a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos (2016), ambos movimentos que prometiam o retorno dos grandes estados-nação com uma economia pujante e uma identidade cultural consolidada.

Importante salientar que, durante o período eleitoral de 2018, dois fatos contribuíram para gerar condições excepcionais de produção e reconhecimento de discursos dos candidatos. Primeiro, no âmbito da esquerda, o impedimento da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva, até então o candidato oficial do PT, pelo Superior Tribunal

[4] Disponível em: https://www.wsj.com/articles/brazil-voters-buck-status-quo-with-rise-of-right-wing-firebrand-1539034621. Acesso em: 8 out. 2019.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Eleitoral (TSE), atendendo a uma contestação do Ministério Público (MP), que apontou sua inelegibilidade com base na Lei da Ficha Limpa. Na época, o ex-presidente estava preso, após ser condenado em 2ª instância por corrupção passiva e lavagem de dinheiro em uma investigação da Operação Lava Jato. Desse modo, o partido aprovou a candidatura de Fernando Haddad à presidência. Em segundo, o atentado à faca contra Jair Bolsonaro, no dia 6 de setembro, na cidade de Juiz de Fora (MG), desferido por Adélio Bispo de Oliveira, durante um comício eleitoral. Tal situação interrompeu sua agenda de comícios públicos e inviabilizou sua participação em debates presenciais, de maneira a ampliar o debate midiático online.

Nesta conjuntura excepcional, as eleições de 2018, em especial, ficaram marcadas pelo uso massivo de estratégias nas e das redes sociais. Sua estrutura e funcionamento baseados em algoritmos, apreendem o comportamento do usuário e filtram as informações que ele recebe. Isto é, se o sujeito interage com um determinado conteúdo, ele receberá mais ofertas de sentido desse tipo, de forma que o mundo lhe apareça à sua imagem e semelhança. Desta forma, se criam o que Eli Pariser (2012) chama de "bolhas de filtro", com conteúdo personalizado ao perfil pessoal, de maneira que os políticos travem uma batalha pela atenção, retenção e engajamento de seus públicos-alvo para alcançar relevância e gerar votação em si e em seus respectivos partidos.

Assim, em que pese ambos os candidatos terem ambos trabalhado suas estratégias de campanha na oferta de sentido sobre o passado glorioso que poderia ser reeditado, por razões e modos diferentes, Jair Messias Bolsonaro (PSL) ganhou a eleição no primeiro turno, em 7 de outubro, com 46,03% dos votos válidos, à frente de Fernando Haddad (PT) com 29,28% dos votos; demais candidatos somaram 24,69% dos votos válidos. Como o primeiro colocado não alcançou o total de 50% de votos válidos, foi necessário ampliar o pleito. No segundo turno, em 28 de outubro, Bolsonaro foi eleito Presidente da República com 55,13% dos votos válidos, ante 44,87% de Haddad, o que deu fim a um ciclo de quatro vitórias consecutivas o PT, desde 2002.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

2. Tempo da nostalgia: de doença psicológica a sintoma contemporâneo

A nostalgia cria no presente um vínculo com um outro tempo estabilizado do qual se conhece seus personagens e seu futuro. Trata-se de uma lembrança idealizada, ou de uma fascinação com a própria fantasia, causada por um sentimento de perda e deslocamento no presente, como afirma a teórica de literatura comparada Svetlana Boym (2017) que a entende como uma emoção característica da nossa época.

Conforme a estudiosa russa, esta palavra provém de duas raízes gregas: *nostos*, que remete "voltar à casa" e *algia*, "anseio" que, apesar de sua etimologia, foi criada pelo médico suíço Johannes Hofer, em sua tese de 1688 (Boym, 2017). Ainda no século XVII, ela era considerada uma doença curável pelos médicos suíços que a diagnosticavam em empregados trabalhando na França e na Alemanha e soldados lutando no estrangeiro que sentiam um anseio incapacitante de retornar ao lar. Entre os sintomas estavam a melancolia, a insônia e a falta de apetite. Nestes casos, os profissionais da saúde receitavam sanguessugas, emulsões hipnóticas quentes e ópio para aliviar os sintomas. Todavia, o que costumava ajudar a curar a enfermidade era uma viagem às montanhas; mas nada se comparava ao retorno à terra natal, o que se acreditava ser o melhor remédio para curar os enfermos.

Era neste lugar que os doentes encontravam abrigo e um vínculo social. Logo, se a melancolia se restringe à consciência individual, a nostalgia tem relação entre a biografia individual e a história de grupos ou nações, ou seja entre a memória pessoal e coletiva, relacionada mais ao tempo do que ao lugar. Boym (2017), propõe três observações para compreender esse fenômeno na contemporaneidade:

1) A nostalgia não é anti-moderna, mas contemporânea à Modernidade, pois é característica de uma nova compreensão do tempo e do espaço que faz a divisão entre local e universal possível;

2) Diferente do que propôs Hofer no século XVII, a nostalgia não diz respeito somente à saudade de um lar, mas a um anseio por um tempo diferente — o tempo da juventude, dos ritmos mais lentos da vida sonhada pelos homens, não só a uma autobiografia. Em sentido mais amplo, ela é uma revolta contra a ideia moderna de tempo

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

da história e do progresso contínuo, pois recusa-se à irreversibilidade temporal que atormenta a condição humana.

3) Nem sempre ela é retrospectiva (relacionada a eventos que já ocorreram), pois pode ser igualmente prospectiva (que procura prever o futuro). Isto porque as fantasias sobre o passado determinadas pelas necessidades do presente, têm impacto direto nas realidades do futuro. Logo, se as utopias futuristas podem estar fora de moda, a nostalgia tem uma dimensão utópica também, embora não dirigida apenas ao futuro e tampouco ao passado. Para a autora, o nostálgico é alguém que se sente sufocado dentro dos limites convencionais do tempo e do espaço. Estamos, portanto, diante de um objeto elusivo por sua própria natureza. Sigamos, pois.

Boym (2017) alerta que a nostalgia moderna, principalmente a política, tem um ponto paradoxal. Se, de um lado, a universalidade da *algia* (saudade) tende a aumentar a empatia pelo próximo; do outro, o *nostos* (a volta para a casa), ou seja, a redescoberta da identidade em uma comunidade ou pátria pura e única, faz com que as homens se distanciem e encerrem a busca de um entendimento mútuo. Isto porque a promessa de reconstruir o lar ideal para alguns membros da sociedade está no cerne de ideologias que buscam envolver o pensamento crítico por meio de narrativas que remontam aos laços emocionais. Em suma: "O perigo da nostalgia é que ela tende a confundir o verdadeiro lar com aquele imaginado." (Boym, 2017, p. 155).

Portanto, não se trata de uma mera lembrança, mas sim de um sentimento que dela se nutre na relação entre memória e história. Para o historiador francês Pierre Nora (1993), a memória diz respeito à vida, pois sempre tem um elo no presente de grupos vivos e em permanente evolução. Afetiva, ela não busca os detalhes que a confortam, mas se alimenta de lembranças vagas, flutuantes e simbólicas. Já a história é a operação intelectual que nossas sociedades condenadas ao esquecimento criam com o passado. Diz respeito à reconstrução, sempre problemática e incompleta, do que não existe mais, demanda análise e do discurso crítico sobre o passado. "A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica." (Nora, 1993, p. 3)

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Importante salientar então que, quando falamos de nostalgia, estamos nos referindo à noção de memória reavivada pelo sujeito num determinado contexto, com um propósito retroativo, a um sentimento relacionado à uma forma de vida, à uma comunidade, diferente da melancolia, (que diz respeito à relação do sujeito consigo mesmo). Entrementes, com a maior penetração das mídias na sociedade, esse sentimento passou a dizer respeito não só ao sujeito e sua comunidade, mas sim, a uma emoção midiatizada em relação com os movimentos sociais. Vejamos como as formas em que ela se expressa.

2.1 Formas de expressão nostálgica

Com uma definição clara de um dos conceitos-chave, cabe classificar as principais tendências e estruturas da trama nostálgica. Boym (2017) as classifica em duas formas: a restauradora e a reflexiva.

A nostalgia restauradora focaliza no *nostos* (casa) e enseja uma reconstrução trans-histórica da terra perdida. Procedente do latim *restaurare*, a palavra (RESTAURAR, 2019) significa um retorno a algo perdido, ao momento edênico. A narrativa desta forma se percebe como verdade e tradição, não como nostalgia, e seu roteiro é maniqueísta: de um lado, o retorno às origens, do outro, a conspiração que impede o regresso ao mundo perfeito. Logo, ela protege a sua verdade absoluta contra todos que a questionam.

Já a nostalgia reflexiva confere atenção à *algia* (anseio) e deixa em segundo plano o retorno para a casa. Proveniente do latim *reflexionis*, a palavra (Reflexão, 2019) diz respeito ao desvio da direção original, por conta de uma nova flexão, ou seja não se direciona ao reestabelecimento de uma verdade absoluta, mas a uma nova relação causada por um movimento. Ela busca o pertencer a um passado, aceitando suas contradições.

Embora suas referências possam ser similares como "gatilhos para ativar a memória", as narrativas que as constituem são diferentes, por conta dos propósitos que as organizam. Tratam-se de perspectivas que ensejam diferentes olhares sobre o transcorrer da vida. "A retórica da nostalgia restauradora não trata do "passado", mas antes de valores universais como família, natureza, pátria, verdade. A retórica da nostalgia reflexiva trata de viver o tempo fora do tempo e de aproveitar o presente fugaz." (Boym, 2017, p. 159)

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Importante para o trabalho é compreender que as narrativas nostálgicas trazem consigo a ideia de reconstruir um lar ideal —tanto para reconstruí-lo, como para observá-lo, e, em determinadas situações, tais relatos podem trabalhar com o emocional do seu público, confundindo o real com o imaginado.

2.2 Tempo retrô

Como observamos, a manifestação nostálgica diz respeito a uma visão de mundo ancorada nas potencialidades de retornar a um passado utópico. Para Zigmunt Bauman (2017) este é um sintoma da civilização, cuja expressão parece no que o sociólogo denomina de *Retrotopia* (2017), em sua obra póstuma. Tal fenômeno aparece como um reflexo do tempo líquido (Bauman, 2001) presente que, aos poucos, vai se tornando ausente em favor do passado, aparentemente familiar e imutável, todavia idealizado em sua essência. A nostalgia — como membro da ampla família das relações afetivas com alhures — emerge da crescente busca por um mundo melhor não mais no futuro a ser construído por todos, mas em ideias estáveis do passado. Deste modo, "a epidemia global de nostalgia" pegou o bastão da "epidemia frenética pelo progresso" (Bauman, 2017, p. 9) na prova de revezamento da história.

Quinhentos anos após Thomas More (1999) denominar "Utopia[5]" o sonho humano de um lugar que não existe (Utopia, 2019), mas com uma perspectiva da humanidade estabelecer uma bem-aventurança em sociedade, chega o momento do retorno a algo já dado, não construído pelos homens do presente, mas pelos seus antepassados.

Esta se dá por meio de uma dupla negação:

1) se as sociedades desde More (1999) estavam arraigadas a uma pólis, cidade ou Estado soberano, nas quais suas expectativas de felicidade eram geradas, as perspectivas

[5] Utopia é um termo de origem grega que significa lugar inexistente ("*u*" é um advérbio de negação e "*tópos*" significa lugar)." Esta foi a palavra que Thomas More (1478 – 1535) usou em 1516 para denominar sua obra fundamental, que imaginava uma ilha ideal, na qual a sociedade vivia com justiça, liberdade e igualdade. Como contraponto, tal termo serviu de base a um gênero literário popular, que propõe imaginar formas distintas da sociedade, como as distopias (a antítese da utopia ou a "utopia negativa). Como exemplos pode-se citar "*1984"*, de George Orwell, "*Admirável Mundo Novo"*, de Aldous Huxley e "*Laranja Mecânica"*, de Anthony Burgess.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

atuais foram descoladas de qualquer lugar e direcionadas a cada um. Ou seja, o ideal do "progresso" e melhoria de vida foi transferido à responsabilidade do sujeito, que assim se libera das exigências de subordinação e disciplina à custa dos serviços sociais prestados pelo do Estado;

2) com o desenvolvimento atrelado à evolução dos sujeitos, o futuro dependeria da evolução de seus conhecimentos e suas habilidades. Entretanto, o exaspero pelas restrições impostas pelo Estado foi substituído, gradualmente, pelo pavor de inadequação ao mercado, de perder o emprego e a estabilidade conferida por ele, de ser incapaz de oferecer uma vida estável aos filhos. Ao invés de contribuir com uma sociedade melhor, o objetivo individual passa a ser melhorar a sua própria posição. Em vez de sacrifícios e benefícios sociais para todos, espólios da competição individualmente apropriados. O ideal do progresso parece sinistro e incerto, por que não retroceder?

> O que eu chamo de retrotopia é um derivativo do já mencionado segundo grau da negação — a negação da negação da utopia. É um derivativo que compartilha com o legado de Thomas More a fixidez num topos territorialmente soberano: uma base sólida que, segundo se crê, fornece e otimistamente garante um mínimo aceitável de estabilidade e, por conseguinte, um grau satisfatório de autoconfiança. (Bauman, 2017, p. 13)

O sonho parece ter chegado ao fim. Torna-se necessária uma nova utopia. Porém, a sociedade pode não perscrutar uma perspectiva melhor do que aquela alcançada ao longo de sua evolução. "Fiel ao espírito utópico, a retrotopia deriva de seu estímulo da esperança de reconciliar, finalmente segurança e liberdade, feito que nem a visão original nem sua primeira negação tentaram alcançar – ou, se tentaram, fracassaram." (Bauman, 2017, p. 14, grifos do autor)

A conciliação entre segurança e liberdade é historicamente problemática por sua própria natureza. Pelo que observamos, a narrativa nostálgica pode oferecer ao indivíduo uma segurança ausente no presente de negação da utopia futurista. Entrementes, para Bauman (2017), a nostalgia de pertencer a uma comunidade com memória coletiva virou uma epidemia global, tal qual a doença psicossocial observada por Boym (2017).

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

3. Tempo das mídias: reconfigurações humanas, sociais e técnicas

Com um entendimento claro sobre a nostalgia, desde sua percepção como doença psicossocial, relacionando-o com a contemporaneidade e a emergência da retrotopia, nos debruçamos sobre o ambiente midiático no qual ocorreram as interações sociais em 2018. Para compreender alguns dos aspectos da comunicação midiatizada, direcionamos nossa investigação ao pensamento de Eliseo Verón (2013), pois este autor trabalha a reconfiguração da percepção de tempo decorrente da mídia e o desenvolvimento da semiose entre o sujeito e a sociedade, como no caso da nostalgia, um sentimento individual, que é afetado pela articulação social na mídia, no processo denominado midiatização. Vejamos mais de perto a evolução desse conceito.

Para Verón (2013) não há comunicação sem mediação, pois, comunicação pressupõe algum processo mediado, seja uma forma sonora, visual ou tátil. Para tal trabalho, é necessário recorrer à técnica, pois materializar uma mensagem resulta de uma sequência de operações desenvolvidas pela espécie humana. Tais processos geram o evento material, sensível que serve de base à mediação propriamente dita. Então, o que caracteriza os fenômenos midiáticos? Segundo o autor, quando o suporte permite ao sentido autonomia e persistência no tempo. "*En la historia de la comunicación humana, los dos aspectos cruciales son la automatización del mensaje y su persistencia em el tempo.*" (Verón, 2013, p. 145, grifos do autor)

A persistência no tempo permite diferenciar o intercâmbio numa conversa vocal em tempo real — que desaparece imediatamente no instante da produção e da recepção — da escrita — em que um texto mantém-se para apropriação do leitor sempre quando houver um suporte disponível para leitura. Portanto, quando o signo é materializado em um suporte, ganha autonomia, pode ser reaproveitado e reinterpretado para além da intenção do emissor e da interpretação comum. Em resumo, toda comunicação humana é mediada — uma conversa entre pessoas é tão mediada quanto uma partida de futebol de circulação planetária. Entretanto, na partida de futebol, a semiose humana está midiatizada; enquanto na conversa entre duas pessoas, não está.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Para essa pesquisa, significa que a midiatização, enquanto processo sócio-técnico-discursivo está relacionada ao desenvolvimento social de tecnologias midiáticas, com influência sobre a discursividade social ao permitir a materialização de signos, sua circulação e interação em um ambiente midiático, ocupado, inclusive, por atores políticos, como os presidenciáveis.

Verón (2013) também traz importantes contribuições para compreender o perpassar temporal ensejado pelo avanço da midiatização. Em perspectiva antropológica, o autor salienta que, somente quando os signos foram exteriorizados como tais e passaram a transmitir significados, tornou-se possível o aperfeiçoamento das técnicas da espécie e sua consequente evolução intelectual, processo esse que se constituiu por centenas de milhares de anos até chegar, com a escrita, à história narrada:

> "La asociación entre fenómeno mediático y aceleración del tiempo evolutivo se confirma a lo largo de toda la historia del sapiens, como así también el carácter acumulativo del proceso; vale decir que la aceleración se acelera a medida que los fenómenos mediáticos se suceden." (Verón, 2013, p. 176)

O tempo, ponto central nesta pesquisa, se apresenta aqui como elemento da percepção afetado pela tecnologia que, por conseguinte, altera a evolução da espécie, na medida em que o avanço da midiatização permite a materialização de signos, colocando a história em perspectiva. Nossos ancestrais transformaram objetos táteis em signos visuais que, por sua vez, perpassaram por gerações, ampliaram os processos cognitivos da espécie e geraram novas formas de interação com o ambiente e a comunidade pré-histórica. A emergência de dispositivos técnicos, desse modo, ampliou as modalidades de comunicação preexistentes, integrando-as às novas situações interacionais e gerando novas compreensões de tempo. Isto é, o objeto resultante do trabalho intelectual de milhares de anos tornou-se base à evolução humana, num processo relacional cumulativo.

Dessa forma, a maior parte da história dos dispositivos midiáticos — do surgimento da escrita, passando pela fabricação da prensa por Johannes Gutenberg no século XV, até o aparecimento dos dispositivos de gravação de som no início do século XIX — tornou possível a midiatização da temporalidade. A fotografia, por exemplo, tornou possível a

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

captação do instante fugaz que, inexoravelmente, se transforma em passado, o que possibilitou fixar marcas de seu momento de produção e constituir sequências temporais nos procedimentos de montagem. Já a voz e a música materializadas, geraram o que Verón (2013) chama de espaços de inscrição (como o rádio, o aparelho de som, a TV) que, por sua vez, condicionavam a produção e o reconhecimento dos signos. Em tais espaços, o tempo pôde ser imaginariamente reinvestido e ressignificando, tal qual a promessa simbólica da nostalgia.

A tecnologia, assim, possibilita a acumulação e constituição de um acervo da memória que influencia a composição de forma e conteúdo significante. A máquina do tempo, termo utilizado por Verón (2013), está disponível no presente; a estabilidade social propiciada pela escrita sofre, assim, as contingências da memória midiatizada à espreita para gerar releituras e reapropriações pelos sujeitos, inclusive do campo político. Trata-se de um contexto midiático que articula materializações — objetivações nas palavras de José Luiz Braga (2007) — cujos processos põem em jogo o acervo cultural da sociedade, de forma a gerar referências a ele e desvelar modos de expressão do tecido social. Sua objetivação retroativa na política nostálgica diz respeito, então, a uma reconfiguração de materiais presentes no imaginário, junto à proposta narrativa de retorno a outro tempo, supostamente melhor do que o atual, do qual se depreendem soluções para problemas contemporâneos, de forma a abrir espaço a tal discussão na arena política.

Por um lado, tal explanação faz ver como a midiatização configura um espaço de discursos midiatizados em relação com o tempo histórico social humano. Por outro, um tempo de mundo inédito na evolução da espécie, marcado pela aceleração contínua, propiciada pela circulação e sobre-exposição de textos, imagens e informações, agora passíveis de acesso em tempo real na rede. A nostalgia enquanto sintoma social, surge em nova escala neste panorama sócio-técnico-discursivo que permite acessar registros materializados e reinvesti-los de significados na busca por protagonismo social.

Portanto, se Boym (2017) refere-se à nostalgia como condição psicológica que traz em seu cerne a busca por um tempo de mundo diferente do atual, gerada pelo desalento com o presente, podemos perscrutar uma relação próxima entre nostalgia e mídia.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Enquanto a emergência de fenômenos midiáticos proporciona a aceleração da percepção do tempo histórico, como lembra Verón (2013), a volta ao lar com uma compreensão de tempo social diversa do atual surge como uma proposta de sentido positiva ao sujeito, que se relaciona com uma profusão inimaginável de signos midiáticos, em dispositivos comunicacionais, no processo de midiatização da temporalidade. Se o advento da retrotopia gera condições para o advento nostálgico, a midiatização das relações parece possibilitar a exteriorização desse sentimento, latente até então, no imaginário contemporâneo.

4. Tempo de análise: discursos políticos midiatizados

Após a revisão da nostalgia e a busca por compreender a midiatização, enquanto ambiente sócio-técnico-discursivo que, com o seu avanço, configura um ambiente e uma nova experiência do perpassar temporal, nos debruçamos sobre o corpus desta pesquisa.

Optamos por observar os enunciados dos presidenciáveis candidatos no Facebook, pois essa rede social conta com o maior número de usuários no mundo atual, passando de 2 bilhões diários no fim de 2018[6]. No Brasil, eram 127 milhões de usuários mensais em julho de 2018[7], ou seja, os enunciados publicados em sua plataforma dispunham com potencial de alcance maior. Sobremaneira, a escolha se dá porque ambos os candidatos fizeram uso contínuo desta rede em suas campanhas.

Nestes termos, desenvolvemos uma planilha para contabilizar os enunciados com teor nostálgico dos presidenciáveis. No percurso, buscamos encontrar marcas textuais tanto na publicação, como em imagens e *frames* de vídeos legendados, que pudessem explicitar textualmente uma fuga da atualidade, uma volta a um tempo supostamente melhor que o atual, tanto em valores morais, quanto econômico-sociais. A contagem

[6] A rede social alcançou a marca de 2,3 bilhões de usuários diários entre o fim de 2018 e início de 2019: Disponível em: https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/02/04/facebook-completa-15-anos-com-23-bilhoes-de-usuarios.ghtml. Acesso em: 12 set. 2020

[7] Dados divulgados pela empresa no período próximo à eleição. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml Acesso em: 13 set. 2020.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

iniciou no dia 16 de agosto e foi até o dia 28 de outubro no caso de Jair Bolsonaro. Já no caso de Fernando Haddad, transcorre a partir de 01 de setembro, data em que foi oficializada sua candidatura, até 28 de outubro. Tal análise exploratória visou minerar dados em busca de padrões que pudessem ser mapeados percentualmente para mensurar a incidência do fenômeno nas ofertas de sentido de ambos os candidatos.

PADRÃO DE RECORRÊNCIA						
Rede social	**Facebook**					
Perfil	facebook.com/jairmessias.bolsonaro/			https://www.facebook.com/fernandohaddad		
Período	**Publicações**	**Publicações nostálgicas**	**Recorrência %**	**Publicações**	**Publicações nostálgicas**	**Recorrência %**
Agosto	17	2	12%			
Setembro	26	1	4%	24	6	25%
Outubro	70	5	7%	73	7	10%
TOTAIS	**113**	**8**	**7%**	**97**	**13**	**13%**

3. Padrão de recorrência dos enunciados com apelo nostálgico nos perfis dos presidenciáveis que foram ao segundo turno nas eleições de 2018. Fonte: autor.

O que emerge destes números? Da mineração dos dados das 210 publicações pode-se responder a primeira pergunta que nos move neste trabalho. Sim, a nostalgia é um traço discursivo presente na produção midiática de ambos candidatos. Vejamos alguns enunciados qualitativos que demonstram o teor nostálgico.



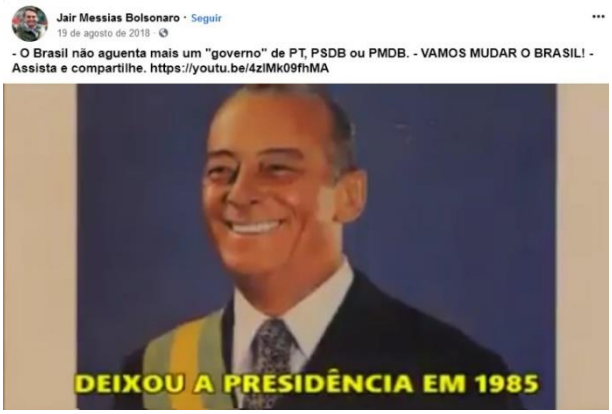
4. Fonte: Facebook. Frame 1.[8]

[8] Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=318288578916701. Acesso em: 29 ago. 2020.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)



5. Fonte: Facebook. Frame 2.



6. Fonte: Facebook. Frame 3.

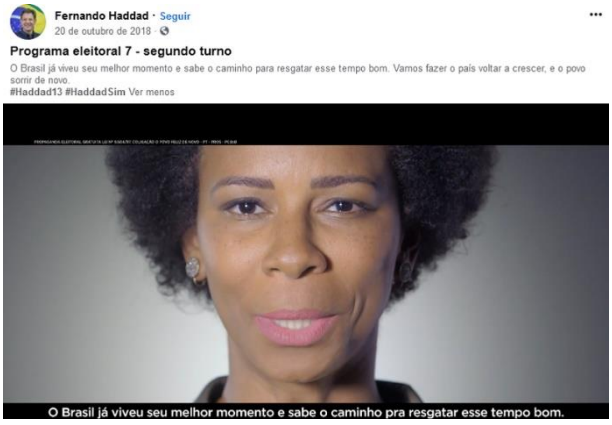
Estes frames, de um vídeo de autoria desconhecida compartilhado pelo candidato do PSL, remontam a uma nostalgia do Brasil no governo João Figueiredo (1979-1985), último do período militar. Nesta co-enunciação, advoga-se uma retomada de um país supostamente "tomado" pelas forças sociais que governaram a nação nos últimos anos, representadas pelos partidos PMDB, PSDB e PT.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)



7 Fonte: Facebook[9].

Já Haddad busca, pela memória afetiva, chamar o interlocutor à nostalgia. Em seguida, o olhar se dá para o futuro, enquanto promessa retroativa, embasada pela "experiência dos 12 melhores anos da nossa história", o que busca aproximar emocionalmente o candidato da audiência.



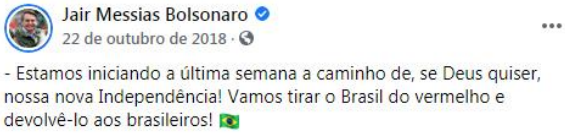
8. Fonte: Facebook.[10]

No final do segundo turno, o programa eleitoral do PT reforça a oferta de um tempo melhor anterior. Se a propaganda bolsonarista oferece um tempo superior há décadas atrás

[9] Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=314930252573496.
Acesso em: 25 ago. 2020
[10] Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=743891205962417.
Acesso em: 03 ago. 2020.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

em termos morais, a heurística petista busca se referenciar em um momento em que, supostamente, a emoção do sorriso florescia, mais especificamente, na época dos governos Lula (2003-2010).



9. Fonte: Facebook.[11]

Neste enunciado, Bolsonaro complementa a promessa da volta de um Brasil "tomado dos brasileiros", ou seja, uma essência típica e latente da população, como na publicação de 19 de agosto, ainda no início da campanha eleitoral. O significado remissivo aqui se dá em prol de uma "nova independência", após anos de eleições com vitória de partidos progressistas.

5. Considerações

Como vimos na introdução, a nostalgia foi percebida como uma das características discursivas nas eleições de 2018 por veículos de imprensa, num pleito marcado pela interação maior em redes sociais. Se a nostalgia gera condições para o advento da retrotopia, a midiatização das relações possibilita a exteriorização desse sentimento, latente até então, no imaginário contemporâneo. Então, a midiatização, além de acelerar a percepção temporal, disponibiliza um espaço em que o tempo possa ser reinvestido de significados na busca por relevância política.

No caso de Bolsonaro, a utopia futurista deixa de significar um projeto de ação social vislumbrado no presente em prol do retorno, sem concessões, a uma essência ausente no contemporâneo. Frente a um presente universal "decadente", a volta a uma moral particular, dos "brasileiros de verdade". Ou seja, uma compreensão que reorganiza

[11] Disponível em: https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1267235180092132. Acesso em: 07 ago. 2020.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

o local e universal, conforme citado por Boym (2017). Já Haddad apresenta tempos mais felizes no passado, deixando de lado a proposição de soluções para problemas atuais, de forma que as fantasias fugidias demonstrem quais seriam as necessidades do presente.

Entrementes, os valores evocados no sentimento nostálgico destoam em aspectos individuais e sociais. São diferentes formas de nostalgia restauradora, uma, a do candidato do PSL, de fundo moral, ou seja, que diz respeito à ação individual baseada em uma determinada conduta. A outra, do candidato do PT, de fundo estrutural, relacionada a uma organização social e estatal que garantiria um tempo em consonância com o espelho pretérito. Assim, em sua busca por protagonismo frente ao eleitor, as narrativas midiáticas de ambos parecem profetizar o passado ao reinvestir o tempo de significado. A volta a um lar romanceado com segurança moral e estabilidade social frente à percepção acelerada do tempo contemporâneo tornam-se importantes vetores discursivos nas bolhas da política contemporânea.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, c2017.
BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 23, jul. 2017. ISSN 1983-9928. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236/678>. Acesso em: 07 nov. 2019. doi: https://doi.org/10.15848/hh.v0i23.1236.
BRAGA, José Luiz. Midiatização como processo internacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**: livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.
BRASIL. Superior Tribunal Eleitoral. **Repositório de dados eleitorais**. Disponível em: https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais. Acesso em: 14 fev. 2021.
FACEBOOK. Fernando Haddad. Disponível em: https://www.facebook.com/fernandohaddad/.
Acesso em: 25 out. 2020.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

FACEBOOK. Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro. Acesso em: 30 set. 2020.

MORE, Thomas. **Utopia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

REFLEXIVO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: https://www.dicio.com.br/reflexivo/. Acesso em: 28 dez. 2019.

RESTAURAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: https://www.dicio.com.br/restaurar/. Acesso em: 28 dez. 2019.

UTOPIA In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: https://www.dicio.com.br/utopia/. Acesso em: 29 dez. 2019.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**, 2: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.